

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE FILOSOFIA**

GUSTAVO HENRIQUE ORTIZ CAMARGO

**DA ANGÚSTIA AO DESESPERO: UMA ANÁLISE DOS CONCEITOS
KIERKEGAARDIANOS E SUAS APLICAÇÕES NO PERÍODO PANDÊMICO DA
COVID-19**

CAMPINAS

2021

GUSTAVO HENRIQUE ORTIZ CAMARGO

**DA ANGÚSTIA AO DESESPERO: UMA ANÁLISE DOS CONCEITOS
KIERKEGAARDIANOS E SUAS APLICAÇÕES NO PERÍODO PANDÊMICO DA
COVID-19**

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso de
Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de
Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Pe. José
Antonio Trasferetti, para obtenção do título
acadêmico de Bacharel em Filosofia.

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica elaborada por Silvana Maria Teixeira de Faria CRB 8/9134 Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

Camargo, Gustavo Henrique Ortiz

Da angústia ao desespero: uma análise dos conceitos kierkegaardianos e suas aplicações no período pandêmico da Covid-19. / Gustavo Henrique Ortiz Camargo. - Campinas: PUC-Campinas, 2021.

49 f.

Orientador: Prof. Dr. Pe. José Antonio Transferetti.

TCC (Bacharelado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Kierkegaard. 2. Angústia. 3. Pandemia. I. Transferetti, Prof. Dr. Pe. José Antonio. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Faculdade de Filosofia. III. Título.

CDD – 22. ed.

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

FACULDADE DE FILOSOFIA

GUSTAVO HENRIQUE ORTIZ CAMARGO

**DA ANGÚSTIA AO DESESPERO: UMA ANÁLISE DOS CONCEITOS
KIERKEGAARDIANOS E SUAS APLICAÇÕES NO PERÍODO PANDÊMICO DA
COVID-19**

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito final para obtenção do título acadêmico de Bacharel em Filosofia, sob orientação do Prof. Dr. Pe. José Antonio Trasferetti.

Julgado e aprovado em ____/____/____

Considerações

Prof. Dr. Pe. José Antonio Trasferetti
Docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Orientador

CAMPINAS

2021

Sofrer, é só uma vez; vencer, é para a eternidade.

Soren Aabye Kierkegaard

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão Àquele que é a fonte inesgotável de amor, que me deu o dom da vida e que até aqui me sustentou: Deus. A São José, o guardião da Sagrada Família de Nazaré, que tanto recorri neste “ano josefino” pedindo a sua intercessão para a elaboração deste escrito. A Santíssima Virgem Maria e a Santa Catarina de Sena, minhas companheiras na oração, nos estudos e, sobretudo, nos momentos mais difíceis da vida.

A toda a Igreja Santa de Deus, de maneira especial a Diocese de Bragança Paulista que desde o meu nascimento me acolheu e que hoje é uma grande colaboradora da minha formação presbiteral. A minha paróquia de origem em Atibaia (SP) e ao meu pároco, o reverendíssimo Pe. Ednalvo Araújo dos Santos, um exímio pastor que, junto ao povo da Paróquia São Benedito, foi uma peça fundamental para o meu despertar vocacional.

A todas aquelas pessoas que passam ou passaram pela estrada da minha vida, de maneira carinhosa àquelas que se encontram mais próximas e que eu recorro tanto: ao meu pai, que muito me educou e sempre me ensinou a ser uma pessoa melhor, Roberto Ortiz de Camargo, mais conhecido como “Betão”. A minha mãe Andrea Elizabete Perini Camargo, aquela que tanto fez e faz para me ver feliz. Ao meu irmão Guilherme Augusto Ortiz de Camargo, meu grande exemplo de determinação. A minha cunhada Aline Coqueiro Rodrigues, aos meus avós e a todos os meus familiares, que no decorrer da vida sempre me ajudaram a compreender melhor o sentido do amor. Faço das palavras do Papa Francisco as minhas: “Sem família a vida se torna vazia!”.

Por fim, gostaria de dedicar esta monografia a todas as pessoas que sofreram nesta pandemia; pessoas tomadas pelo desespero, pela angústia e pela falta de esperança. Que Jesus Cristo, a nossa Esperança alcance o coração de todos.

RESUMO

O objetivo geral desta monografia é fazer com que seus leitores compreendam o método existencialista de Kierkegaard e sua época. Mesmo sendo considerado um grande filósofo contemporâneo, o mesmo enfrentou dificuldades em expressar o seu pensamento para aqueles que estavam ao seu redor. Sua filosofia começou a ser valorizada após a sua morte e serviu de exemplo para outros grandes filósofos. Após a compreensão de sua filosofia existencialista, o objetivo do trabalho é tratar o conceito de angústia com suas dimensões, a sua consequência que é o desespero humano e a solução para a problemática levantada dentro do cenário da Pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Kierkegaard. Angústia. Desespero. Existencialismo. Pandemia.

ABSTRACT

The general aim of this paper is contribute to readers understand Kierkegaard's existentialist method and his times. His philosophy began to be valued after his death and served as an example to other great philosophers. After understanding his existentialist philosophy, the objective of this work is to deal with the concept of anxiety with its dimensions, its consequence, which is human despair, and the solution to the problem raised within the Covid-19 Pandemic scenario.

Keywords: Kierkegaard. Anxiety. Despair. Existentialism. Pandemic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
I. KIERKEGAARD E O EXISTENCIALISMO	11
1. Vida e espírito	11
1.2. Conceitos kierkegaardianos.....	14
1.2.1. O indivíduo.....	14
1.2.2. A fé.....	14
1.2.3. A existência.....	15
1.2.4. O amor.....	16
1.2.5. A angústia.....	16
1.2.6. O desespero.....	16
1.3. Os modos de viver.....	18
1.3.1. A vida estética.....	18
1.3.2. A vida ética	19
1.3.3. A vida religiosa.....	20
II. O CONCEITO DE ANGÚSTIA	23
2. O conceito de angústia na perspectiva de Kierkegaard.	23
2.1. A angústia e a origem do “pecado hereditário”	24
2.1.1. A inocência	25
2.1.2. A queda.....	25
2.2. A angústia objetiva e subjetiva.....	25
2.3. A angústia como consequência do pecado.....	26
2.4. A angústia diante do mal.....	27
2.5. A angústia diante do bem.....	27
2.6. A angústia salva pela fé.....	28
2.7. Uma síntese de "O conceito de angústia"	30
III. O DESESPERO HUMANO	33
3. Da angústia ao desespero.....	33
3.1. Uma doença que afeta o espírito, o eu	33

3.2. Por que o desespero é uma “doença mortal”?	34
3.3. As três etapas do desespero humano.....	36
3.3.1. Primeira: O desespero da inconsciência de ter um “eu”.....	36
3.3.2. Segunda: O desespero da consciência e negação do “eu”	36
3.3.3. Terceira: O desespero da consciência e a aceitação do “eu”	36
3.4. Desespero e pecado.....	38
3.4.1. O supremo grau de desespero.....	39
3.5. De que maneira a fé ajuda o indivíduo a superar o desespero?.....	41
3.6. Uma síntese sobre “O desespero humano”	42
3.7. O desespero vivido no tempo pandêmico da Covid-19.....	44
3.7.1. O que é uma pandemia?.....	44
3.7.2. Uma pequena relação da angústia e do desespero de Kierkegaard com o sofrimento das pessoas neste tempo de pandemia.....	45
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

INTRODUÇÃO

A corrente filosófica existencialista contou com a colaboração de grandes filósofos que procuravam buscar um novo rumo para a filosofia; um rumo voltado para a vida. Eis o surgimento de uma forma de pensar voltada totalmente para a existência humana. A origem, a razão e a própria natureza não ocupavam mais o primeiro lugar. Essa nova filosofia voltada para o mundo sempre procurou valorizar a vida humana e/ou biológica. A partir de 1813, a filosofia existencialista passa a contar com um grande colaborador: o dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard. Considerado um fiel cristão, estudou Teologia e Filosofia, sempre demonstrando interesse pela existência humana. Sendo assim, se tornou um crítico de Hegel. Pois sua filosofia se estruturava na liberdade de escolha e na busca por propósito, não no contexto histórico. Kierkegaard acreditava num Deus para o qual tudo é possível. Ele identificava Deus com um “absurdo”. Enquanto muitos teólogos – sobretudo da escolástica – tentavam provar Deus e seu entendimento, Soren vai assumir que há coisas que o homem não consegue explicar. Segundo o filósofo, é uma covardia tentar erigir o sistema para explicar o inexplicável, tentar atingir o inatingível; algo que está além da compreensão humana. Ele se opõe a ideia de um Deus estático. Deus é capaz de tudo, não há nada que o limita, por isso Deus é identificado como um “absurdo”, porque é impossível compreendê-lo. Kierkegaard foi contra o idealismo. Ele não é, portanto, um pensador dialético. A síntese está além da nossa compreensão, da nossa capacidade. A síntese está em Deus, está no transcendente. O cristianismo é uma posição sem síntese. A síntese está além da nossa compreensão, da nossa capacidade. Seguindo esta perspectiva, o filósofo vai dizer que Hegel é um “cavaleiro da resignação” marcado por muito idealismo e covardia, sempre em busca de enaltecer o sistema e querendo explicar tudo através do “mundo aparente” com suas leis naturais.

O indivíduo com toda a sua subjetividade sempre foi valorizado por Kierkegaard. A liberdade é vista como uma característica essencial do ser humano. Liberdade que é fruto da vontade. Cada homem é capaz de escolher aquilo que é bom para ele. É através dessa liberdade que o filósofo chega ao conceito de angústia. Angústia que nasce graças a essa liberdade que aumenta a consciência e o senso de responsabilidade do homem. Essa mesma angústia pode levar o homem ao desespero. E esse desespero pode fazer com que o homem perca o sentido da vida,

levando-o ao pecado. Por isso o autor diz que o desespero é uma “doença até à morte”. Mesmo sendo considerado por alguns como o “pai do existencialismo”, sua filosofia não fora tão bem aceita na época. Mas, posteriormente, serviu de base para outros grandes e importantes filósofos, como Heidegger. Resumidamente pode-se dizer que sua filosofia ensina que as escolhas não são racionais, mas subjetivas.

CAPÍTULO I: KIERKEGAARD E O EXISTENCIALISMO

1. Vida e espírito

Há quem diga que Kierkegaard é o “pai do existencialismo”, pois o seu pensamento colaborou – fortemente – para o desenvolvimento da corrente filosófica existencialista, que surgiu no final do século XIX, ganhando força no século XX. Os estudos desta época se voltavam para a vida, fazendo com que a existência humana se tornasse a peça fundamental para essa corrente e seus pensadores. Em síntese, pode-se dizer que o existencialismo deu a devida importância para a vida humana e biológica, e não somente para a questão da razão, da origem e da natureza, como foi visto nas filosofias anteriores. Muitos comparam Kierkegaard à um gênio. Porém, mesmo sendo dotado de muita sabedoria, suas colocações eram tidas como opositoras naquela época, e só ganharam força e o devido reconhecimento após a sua morte. No dia 5 de maio de 1835, nascia esse grande gênio do existencialismo, na cidade dinamarquesa de Copenhague. Soren Aabye Kierkegaard era o filho caçula do casal Michael Pederson e Ane Sorensdatter Lund. O pai, que era pastor, deixou o interior e foi para a capital onde abriu um comércio de tecidos e produtos coloniais fazendo com que a família tivesse uma estável situação financeira e o conforto necessário de uma vida digna no centro da cidade. Sempre se preocupou com a formação escolar de seus filhos, sobretudo de Kierkegaard e do seu irmão mais velho Peter Christian. Os outros 5 filhos faleceram ainda quando crianças. A mãe se dedicava aos afazeres da casa. Faleceu primeiro que seu esposo no ano de 1837 e nunca foi citada nos futuros escritos de seu filho. Michael, já idoso, não deixava de pregar os valores cristãos para aqueles que estavam ao seu redor. Queria que na família se praticasse o rigor pietista¹. Mal sabia ele que o filho iria mencioná-lo em suas obras lhe expressando muito carinho e gratidão. Falece no ano de 1838. Após concluir os estudos no colégio,

¹ (in. Pietism; fr. Piétisme; ai. Pieiisnut; it. PietisDio). Reação contra a ortodoxia protestante que ocorreu no norte da Europa, especialmente na Alemanha, na segunda metade do séc. XVII. Foi comandada por Felipe Spener (1635-1705), e um de seus expoentes foi o pedagogo August Franke (1663-1727). O P. pretendia voltar às teses originais da Reforma protestante: livre interpretação da Bíblia e negação da teologia; culto interior ou moral de Deus e negação do culto externo, dos ritos e de qualquer organização eclesiástica; compromisso com a vida civil e negação do valor das denominadas "obras" de natureza religiosa. Deste último aspecto deriva a aceitação de muitos ensinamentos de caráter prático e utilitário nas instituições educacionais pietistas (cf. A RITSCHL, *Geschichte des Pietismus*, 3 vol., 1880-86).

Kierkegaard começou a estudar na Faculdade de Teologia de Copenhague, onde permaneceu por 10 anos e escreveu O conceito de ironia², sua primeira e importante obra. Ficou noivo de uma bela jovem de apenas 17 anos no dia 8 de setembro de 1840. O nome da jovem era Regine Oslen. Rompeu o noivado já no ano seguinte após sofrer uma desilusão amorosa e dias depois se mudou para Berlim onde permaneceu por poucos meses. Dotado de muito conhecimento filosófico, retorna para Dinamarca. Teve acesso aos escritos de Hegel tornando-se um grande crítico do filósofo alemão. Para Kierkegaard a Filosofia deve investigar a existência, o indivíduo e sua realidade singular, e não focar somente nos conceitos, como Hegel. Sua filosofia existencialista está estruturada em duas grandes colunas: liberdade de escolha e busca por propósito. Cada um escolhe o que é bom para si. Cada um é responsável pelo sentido da própria vida. O outro, a tradição, a história e até mesmo o espírito absoluto não são responsáveis pelas nossas escolhas. Nota-se aqui a supervalorização do indivíduo (da subjetividade). Em 1835 começou a elaborar uma pesquisa cujo o intuito era explanar uma nova concepção da verdade. A nova proposta:

[...] “uma verdade para mim”, ou seja em favor do meu verdadeiro bem, para qual valha a pena viver e morrer, ou seja, uma verdade nada arbitrária de fato.³

Segundo Kierkegaard, a verdade deve edificar e é justamente essa verdade edificante que é a verdade para si. Após a concepção existencial deste conceito, o filósofo dinamarquês começou a encontrar certas dificuldades de relacionamento com aqueles que estavam ao seu redor:

A concepção existencial da verdade tornou difícil o seu relacionamento com o “público”, com a Igreja oficial e com todas as “estabilidades” que tratam de verdades “objetivas”, tranquilizadoras e controláveis. Ao mesmo tempo, ele percebeu como os homens estavam prontos a se deixarem “distrair”, a se

² O conceito de ironia é a versão publicada da dissertação de mestrado de Soren, que é equivalente ao doutorado de hoje. Além do seu conteúdo, a própria dissertação foi notável pelo fato de que Soren pediu permissão para escrever em dinamarquês, em vez de em latim, como geralmente se exigia. Soren afirmou que, como o seu estudo incluía uma discussão sobre o “romantismo” europeu, escrever em um idioma que nada sabia sobre esse movimento cultural seria “tão absurdo quanto pedir a alguém para descrever um círculo usando quadrados”. (BACKHOUSE, Stephen. Kierkegaard: *uma vida extraordinária*. Rio de Janeiro, Thomas Nelson, 2019, p. 210).

³ REGINA, Umberto. *Kierkegaard*. São Paulo, Ideias & Letras, 2016, p. 11.

esquecerem do que é mais humano para qualquer “indivíduo”: a “existência”, deixando assim de dar importância decisiva, até eterna, a todos os momentos da própria vida “perante Deus”.⁴

Seu amor pela subjetividade era claro. Seu pensamento não era a favor do olhar para as pessoas em “público”, “massa” e “número”. Mesmo sendo um fiel e crítico da Igreja (em alguns pontos), seu amor por ela nunca foi negado. Faleceu no dia 11 de novembro de 1855, após ficar alguns dias internado vítima de um acidente na rua. Deixou este mundo com o sentimento de tristeza para com do seus dois amores: as pessoas e a igreja.

⁴ REGINA, Umberto. *Kierkegaard*. São Paulo, Ideias & Letras, 2016, p. 12.

1.2. Conceitos *kierkegaardianos*

1.2.1. O indivíduo

A filosofia kierkegaardiana é estruturada por duas colunas: a liberdade de escolha e a busca por propósito. Ser livre e buscar um propósito é uma característica própria do indivíduo, também chamado pelo autor de “singolo”. Ser “indivíduo” exige um processo. O homem se torna “aquilo que é” no decorrer da sua existência, ou seja, ele não nasce “com tudo”, pronto. A liberdade total só chegará no seu mais alto estágio através da escolha e da decisão. O advento do indivíduo se dá graças ao cristianismo:

Segundo Kierkegaard, apenas com o cristianismo a concepção do homem pôde adquirir a categoria do “indivíduo” [“singolo”] enquanto superior àquela do “gênero”, e torná-la, assim, vitoriosa sobre qualquer redução do homem à espécie animal, ou melhor, sobre qualquer redução do todo à imanência, como Kierkegaard afirma no póstumo Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor: “‘O indivíduo’ [‘Il singolo’]; nesta categoria reside a causa de o cristianismo se levantar e cair, agora que o desenvolvimento do mundo progrediu tanto na atual reflexão. Sem essa categoria, o panteísmo triunfou completamente”⁵

A opção pela escolha de se tornar um seguidor de Cristo só é possível e verdadeira quando o indivíduo usa da liberdade para tomar essa decisão, deixando de lado os contextos históricos. Eu me identifico como um seguidor de Cristo porque nasci numa região – geograficamente – cristã? Ou sou cristão porque tomei a liberdade de fazer essa escolha? Em síntese, para Kierkegaard, somente essa subjetividade, que leva o ser a uma liberdade total é capaz de fazer com que o homem faça as suas escolhas. A mudança de vida é consequência da escolha. Eu escolho aquilo que é bom para mim!

1.2.2. A fé

⁵ REGINA, Umberto. *Kierkegaard*. São Paulo, Ideias & Letras, 2016, p. 205.

Este tema é tratado de forma filosófica em “Dois discursos edificantes”⁶. Segundo Soren, a fé é responsável por dar força ao homem. Sendo assim, o homem que não desfruta da fé não consegue voltar o seu olhar para frente; ou seja, é aquele homem sem “perspectiva” de futuro. Viver sem fé é viver como um animal: seguindo apenas os extintos e buscando a sobrevivência. Aquele que luta pelo futuro é um vencedor, pois a vitória é característica da fé.

1.2.3. A existência

Para Kierkegaard, o termo “existência” não compatibiliza com o termo “ser”. “Ser” é um conceito, um ‘universal’, e para servir-se dele o homem deve fazer uma abstração do fato de agir ele mesmo com aquele que pensa o ser; mas para pensar, precisa ‘existir’⁷. Com isso, pode-se afirmar que o único “existente” é o homem, diferentemente dos animais, que não existem pois não pensam:

Apenas o homem “existe”, propriamente; em particular o cristão sabe todo o momento de sua vida se deve à “comunicação de existência” por parte de Deus, e que por isso tem uma importância eterna.⁸

Nem a Deus é atribuída a existência, pois sua criação não se dá através de pensamentos abstratos; ou seja, Ele não precisa pensar para criar. Ele – com sua onipotência – simplesmente cria:

Dado que Deus é o Criador de todas as coisas, traços de sua onipotente liberdade criadora e do seu amor incondicional, universal e perseverante são encontrados por Kierkegaard também no mundo da natureza, como exemplos de como o homem deve se colocar e se manter em relacionamento com tal divina potência e tal divino amor.⁹

⁶ Os Discursos são uma tentativa de articular como uma pessoa verdadeiramente religiosa pode abençoar o nome do Senhor quando ele dá e quando ele tira. (BACKHOUSE, Stephen. Kierkegaard: *uma vida extraordinária*. Rio de Janeiro, Thomas Nelson, 2019, p. 216).

⁷ REGINA, Umberto. *Kierkegaard*. São Paulo, Ideias & Letras, 2016, p. 202.

⁸ REGINA, Umberto. *Kierkegaard*. São Paulo, Ideias & Letras, 2016, p. 203.

⁹ REGINA, Umberto. *Kierkegaard*. São Paulo, Ideias & Letras, 2016, p. 203.

1.2.4. O amor

Este conceito, para o autor, pode ser interpretado de duas maneiras. O amor *Elskov* é o amor voltado para as relações afetivas; nesta perspectiva, o homem ama aqueles com os quais se relaciona: família, amigos, animais etc. Já o amor *Kaerlighed* é aquele amor cuja a fonte é Deus; o verdadeiro amor, que deve ser vivido por todos, pois somente aquele que compreende esse tipo de amor, é capaz de enxergar a Deus no próximo, amando-os até o fim. Esse amor, como ensina o Novo testamento, é o amor “ágape”.

1.2.5. A angústia

O indivíduo com toda a sua subjetividade sempre foi valorizado por Kierkegaard. A liberdade é vista como uma característica essencial do ser humano. Liberdade que é fruto da vontade. Cada homem é capaz de escolher aquilo que é bom para ele. E é através dessa liberdade que o filósofo chega ao conceito de angústia. Angústia que nasce graças a essa liberdade que aumenta a consciência e o senso de responsabilidade do homem. Por isso o termo não é visto numa perspectiva totalmente negativa. Porém, aquele que não compreende essa angústia está sujeito ao desespero. Kierkegaard aborda este tema em “O conceito de angústia”¹⁰.

1.2.6. O desespero

¹⁰ A obra em si é apresentada como uma espécie de livro didático, o que levou alguns intérpretes a especular que se pretendia que fosse uma sátira ao método hegeliano, que tanto dominara os contemporâneos de Kierkegaard, que tratavam os assuntos pessoais com um ar distante e objetivo. O livro aborda assuntos relacionados à liberdade, ao pecado original à culpa hereditária e ao sentimento dominante de angústia, a qual Haufniensis acha que afeta pessoas de todos os lugares. (BACKHOUSE, Stephen. Kierkegaard: *uma vida extraordinária*. Rio de Janeiro, Thomas Nelson, 2019, p. 222-23).

De todos os seus conceitos, esse, talvez, seja o mais crítico e preocupante. O desespero humano é dito pelo autor como uma doença que leva o homem à morte. Antes de morrer biologicamente, o homem pode “morrer para si”. Esse tipo de morrer entra em contraposição com tudo aquilo que Kierkegaard ensinou, pois aquele que “morreu para si” é aquele que não reconhece mais a existência; é aquele que deixa de amar a Deus e ao próximo e se expõe ao pecado:

O desespero é chamado de doença para a morte porque o desesperado gostaria de morrer enquanto relacionamento, o que significa querer morrer perante Deus, querer pecar: “O pecado é: *perante Deus, ou com a representação de Deus, desesperadamente não querer ser si mesmo, ou desesperadamente querer ser si mesmo.*”¹¹

¹¹ REGINA, Umberto. *Kierkegaard*. São Paulo, Ideias & Letras, 2016, p. 198.

1.3. Os modos de viver

O pensamento existencialista fez com que Kierkegaard distinguisse três modos de viver ou, em outras palavras, três modos básicos de existência: a estética, a ética e a religiosa.

1.3.1. A vida estética

Aquele que optou por viver esteticamente é marcado por uma vida sem controle; não é capaz de se autocontrolar e muito menos de ter controle sobre uma determinada situação. Seguindo essa perspectiva, o homem estético é aquele que vive “para o momento”. Busca a diversão instantânea. Não consegue compreender o termo “compromisso”. É atraído pelo “imediatismo” sensual, ou seja, possui vários tipos de comportamentos. Sua vida é marcada pela ausência de “continuidade”. Raramente terá preocupação com o futuro. Não almeja grandes objetivos. Todas as suas decisões ou escolhas são tomadas com base naquilo que diz respeito ao humor e as circunstâncias. O homem estético é, portanto, aquele que vive em busca dos prazeres efêmeros, conhecido pelos cristãos como “prazeres mundanos”. O seu egoísmo exacerbado faz com que o próximo se torne indiferente. O estético “espera tudo que venha de fora”:

Essa submissão às contingências, ao “acidental”, ao que ocorre no curso dos fatos, pode assumir uma variedade de formas. Como a dependência de fatores “externos”: posse ou poder, e até mesmo o valorizado afeto de outro ser humano; mas também pode incluir outros, intrínsecos ao indivíduo, como saúde ou beleza física. O ponto é que, em todos os exemplos deste tipo a pessoa é colocada à mercê das circunstâncias, “do que pode ou não pode ser”; seu modo de vida está atado a coisas que são necessariamente incertas ou perecíveis.¹²

Sendo assim, o comportamento do indivíduo estético sempre será governado pelos acontecimentos diários, deixando de lado aquela ideia de buscar querer viver

¹² GARDINER, Patrick. *Kierkegaard*. São Paulo, Edições Loyola, 2001, p. 54.

“um padrão de vida”. Aquele que optou por viver assim, com muita dificuldade conseguirá dar os passos necessários para alcançar o outro modo de existência: o ético. Isso acontece porque ele busca se libertar através do modo de vida escolhido, evitando que a verdade seja sua habitante. Nessa tentativa – conhecida pelo filósofo como “demoníaca”¹³ – busca-se apagar todos os prazeres internos através de várias atividades. A “consequência estética” sempre será a tristeza, pois aquele que busca viver segundo os ensinamentos mundanos nunca será capaz de viver uma verdadeira subjetividade. Somente essa subjetividade é capaz de fazer com que o homem evolua para o outro modo de vida, pois a escolha pessoal sempre estará acima das decisões tomadas segundo às teorias.

1.3.2. A vida ética

A importância do indivíduo começa a ser notada neste novo estágio de vida: o ético. Aqui o autoconhecimento passa a ser valorizado, resultando numa verdadeira importância para com “o próprio fim e objetivo”:

O sujeito ético é retratado como aquele que vê a si mesmo como um “objetivo”, uma “missão”. Ao contrário do homem estetizante, continuamente preocupado com o externo, sua atenção dirige-se a sua própria natureza, a sua realidade substancial como ser humano com tais e tais talentos, inclinações e paixões sendo que estas permanecem sob seu controle.¹⁴

O sujeito ético é, portanto, aquele que sabe assumir suas responsabilidades. Não há submissão. Tudo é encarado como um desafio. A vida ética é marcada pelas metas, por um futuro alcançável. O ético não se prende aos acontecimentos. Pelo contrário, suas ações são determinadas por suas potencialidades. Existe determinação e capacidade, não mera coincidência e sorte. Há uma preocupação bem

¹³ O demoníaco é a angústia diante do bem. Na inocência, a liberdade não estava posta como liberdade, sua possibilidade na individualidade era angústia. No demoníaco, a relação está invertida. A liberdade está posta como não liberdade, pois a liberdade está perdida. (KIERKEGAARD, Soren. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativo direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário*. Bragança Paulista, Vozes, 2013, p. 129).

¹⁴ GARDINER, Patrick. *Kierkegaard*. São Paulo, Edições Loyola, 2001, p. 58.

maior com o espírito realizador do que com o resultado final; em outras palavras pode-se dizer que o homem ético não fica frustrado com um resultado não-esperado, o bom e verdadeiro desempenho da ação já é motivo de deixa-lo e feliz e realizado. O ético procura sempre distinguir o certo do errado, o “bem” do “mal”. A palavra “dever” sempre irá fazer parte da sua vida, pois ele tem ampla consciência dos seus deveres. É importante lembrar que todo esse autoconhecimento e subjetividade sempre irá refletir no próximo. Dentro da sociedade, o homem que vive de forma ética é aquele que é guiado pelo certo. É aquele que se preocupa com o outro. É aquele que se preocupa com a sociedade. Preza pelo respeito. E vive de forma solidária. Em poucas palavras pode-se definir o homem ético como aquele que “expressa o universal em sua vida”. Mas será que viver de forma “universal” seria o suficiente para alcançar um verdadeiro grau de felicidade e maturidade? Segundo Soren, aquele que consegue viver em todos os lugares acaba não vivendo em lugar nenhum, por isso o ser ético também é visto como um “eu social e cívico”. A vida ética só não se tornou perfeita porque o advento da fé não foi colocado como um ponto necessário.

1.3.3. A vida religiosa

Nesta vida – como o próprio nome ensina – Kierkegaard usa dos aspectos religiosos para definir o homem, contando, é claro, com o auxílio da filosofia. O homem religioso sabe viver eticamente, desde que a fé fique em primeiro lugar. Sendo assim, a fé se torna o ponto fundamental deste modo de vida. Para se compreender melhor este novo estágio, o filósofo dinamarquês explica essa questão da fé através de sua obra “Temor e tremor”¹⁵. O conceito de fé é analisado através de uma passagem bíblica muito conhecida pelos cristãos: o sacrifício de Abraão (Gn 22, 1-14):

¹⁵ Kierkegaard providenciou para que esse livro fosse publicado no mesmo dia em que *A repetição*. É atribuído ao pseudônimo de Johannes de Silentio, que diz aos seus leitores, várias vezes que ele não é um homem que tem fé. Todavia, Johannes de Silentio se propõe a explorar o que ele acha que a fé pode ser. Ele faz isso principalmente através de uma série de reflexões extensas sobre a pessoa de Abraão e a tentativa de sacrificar Isaque. *Temor e tremor* trata seriamente a história do Gênesis, mas isso não é uma obra de exposição bíblica. Em vez disso, Johannes tenta penetrar a mente desse “pai na fé”, recontando sua história de múltiplas perspectivas e comparando a situação de Abraão com outras histórias trágicas tiradas da mitologia clássica. É significativo que Johannes, muitas vezes, admita a derrota, fazendo jus ao seu nome de João, “o Silencioso”. (Considerava ele a história:) “Toda vez que ele se cansava, cruzava as mãos e dizia: ‘Ninguém era tão grande quanto Abraão. Quem é capaz de entende-lo?’”. Em função de compreender a fé de Abraão, o livro apresenta algumas ideias-

Depois desses acontecimentos, sucedeu que Deus pôs Abraão à prova e lhe disse: “Abraão!” Ele respondeu: “Eis-me aqui!” Deus disse: “Toma teu filho, teu único, que amas, Isaac, e vai à terra de Moriá, e lá oferecerás em holocausto sobre uma montanha que eu te indicarei.” Abraão se levantou cedo, selou seu jumento e tomou consigo dois de seus servos e seu filho Isaac. Ele rachou a lenha do holocausto e se pôs a caminho para o lugar que Deus havia lhe indicado. No terceiro dia, Abraão, levantando os olhos, viu de longe o lugar. Abraão disse aos seus servos: “Permaneçam aqui com o jumento. Eu e o menino iremos até lá, adoraremos e voltaremos a vós.” Abraão tomou a lenha do holocausto e a colocou sobre seu filho Isaac, tendo ele mesmo tomado nas mãos o fogo e o cutelo, e foram-se os dois juntos. Isaac dirigiu-se a seu pai Abraão e disse: “Meu pai!” Ele respondeu: “Sim, meu filho!” – “Eis o fogo e a lenha,” retomou ele, “mas onde está o cordeiro para o holocausto?” Abraão respondeu: “É Deus quem proverá o cordeiro para o holocausto, meu filho”. E foram-se os dois juntos. Quando chegaram ao lugar que Deus lhe indicara, Abraão construiu o altar, dispôs a lenha, depois arrumou seu filho Isaac e o colocou sobre o altar, em cima da lenha. Abraão estendeu a mão e apanhou o cutelo para imolar seu filho. Mas o anjo de Iahweh o chamou do céu e disse: “Abraão! Abraão!” ele respondeu: “Eis-me aqui!” O anjo disse: “Não estendas a mão contra o menino! Não lhe faças nenhum mal! Agora sei que temes a Deus: tu não me recusaste teu filho, teu único.” Abraão ergueu os olhos e viu um cordeiro, preso pelos chifres num arbusto; Abraão foi pegar o cordeiro e o ofereceu em holocausto no lugar de seu filho. A este lugar Abraão deu o nome de “Iahweh proverá”, de sorte que se diz hoje: “Sobre a montanha Iahweh proverá.”¹⁶ Gn 22, 1-4

O sacrifício apresentado acima é analisado na obra “Temor e tremor” como “a fé que ultrapassa o ético”. Aos olhos do mundo – eticamente falando – é inadmissível que um pai sacrifique seu filho. Por isso Kierkegaard afirma com muita clareza que a fé é “a mais elevada paixão de uma pessoa”. Somente aquele que tem maturidade é capaz de viver com fervor a fé. Pois viver a fé consiste em viver cercado de mistérios e até mesmo provações. Numa linguagem mais filosófica pode-se dizer que viver a fé consiste em renunciar o “universal”. Essa relação absoluta do indivíduo com o absoluto faz com que ele não seja compreendido pelos padrões humanos, mas sim pelo divino. Abraão é um exemplo disso: resistiu às tentações (naturais e morais). Já que a fé é vista como algo que ultrapassa os padrões humanos de racionalidade, com muita frequência, aquele que busca viver com ela, está sujeito a viver com uma certa “angústia”. Mesmo assim, Kierkegaard é claro ao dizer que a verdadeira liberdade

chave. Uma é a ideia de que “o ético” pode ser uma tentação fora do “religioso”. A postura religiosa de Abraão resulta em sua disposição de cometer uma ofensa contra aquilo que é universalmente ético. (BACKHOUSE, Stephen. Kierkegaard: *uma vida extraordinária*. Rio de Janeiro, Thomas Nelson, 2019, p. 218).

¹⁶ BÍBLIA, *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo – 2002.

está na vida religiosa. Aquele que é guiado pela fé consegue encontrar-se com Deus e consigo mesmo, tendo como consequência um elevado grau de maturidade.

CAPÍTULO II: O CONCEITO DE ANGÚSTIA

2. O conceito de angústia na perspectiva de Kierkegaard

Afinal, o que é a angústia? Como definir uma pessoa “angustiante”? Quais são as suas consequências? Quando nos deparamos com este termo fora da Filosofia, muitas respostas surgem para estas questões. Nos tradicionais dicionários da Língua Portuguesa a angústia sempre será denominada como uma condição de quem está muito ansioso, aflito, agitado, desesperado, e que carrega consigo um coração inquieto. Há até quem diga que a angústia é uma doença que pode causar dores corporais e que uma pessoa considerada “angustiante” carrega consigo uma certa carência. São muitos os conceitos de angústia. Ao abordar uma pessoa com a seguinte interrogação: “o que é a angústia para você?”, com certeza a resposta não irá ter nenhuma relação com algo de perspectiva positiva; pelo contrário, a resposta sempre estará voltada para a perspectiva negativa, como foi visto. Porém, para Kierkegaard, a angústia é algo positivo por ter uma relação com a liberdade.

A angústia na perspectiva de Kierkegaard é tratada em sua obra “O conceito de angústia”, cujo pseudônimo¹⁷ é Vigilius Hafniensis¹⁸. O autor ensinará nesta obra que a angústia é constitutiva da existência humana, sendo assim todo aquele que existe é considerado “angustiante”, jamais podendo evitá-la. Em outras palavras, pode-se dizer que o homem não deve ou não pode fugir da angústia, pois ela é o caminho que o coloca face-a-face consigo mesmo diante de suas próprias escolhas, que são absolutamente singulares e individuais. Ela é justamente aquilo que não é

¹⁷ O caso do livro *Angústia* destaca a cautela que é preciso ter na leitura *demasiada* com pseudônimos, mas também destaca a natureza fundamentalmente lúdica do projeto pseudonímico em si. Os pseudônimos não são incontestáveis, nem se destinam a enganar terminantemente. Em vez disso, a pseudonímia é um mecanismo pelo qual o leitor é obrigado a parar e considerar sua própria relação com o texto e não com o autor. Soren gostava claramente de jogar o jogo do pseudonimato com o seu público. (BACKHOUSE, Stephen. *Kierkegaard: uma vida extraordinária*. Rio de Janeiro, Thomas Nelson, 2019, p. 111).

¹⁸ A “sentinela vigilante”. (BACKHOUSE, Stephen. *Kierkegaard: uma vida extraordinária*. Rio de Janeiro, Thomas Nelson, 2019, p. 110).

marcado por algum objeto particular – diferentemente do medo. A angústia é, portanto, uma característica própria da liberdade do homem.

Para chegar nessas conclusões, o pseudônimo de Kierkegaard irá dividir o tema em cinco partes que, embora tenham características cristãs, tem como objetivo principal fazer uma abordagem voltada para a psicologia, pois o autor procura explicar o conceito de angústia numa perspectiva psicológica sem deixar de lado aquilo que o dogma do pecado hereditário adverte. Sendo assim, o conceito de pecado também é tratado nesta obra, mesmo sendo “desprezado” pela Psicologia e não tendo um lugar específico em nenhuma ciência com a exceção da Dogmática que, ao contrário da ciência estritamente ideal, parte de uma realidade efetiva, que reconhece o pecado hereditário. Pode-se dizer, portanto, que:

[...] enquanto a Psicologia sonda a possibilidade real do pecado, a Dogmática explica o pecado hereditário, isto é, a possibilidade ideal do pecado.¹⁹

2.1. A angústia e a origem do “pecado hereditário”

O ponto de partida para o entendimento da angústia só será possível graças a compreensão do “pecado hereditário”, conhecido por muitos cristãos como a consequência do pecado original. O tema é desenvolvido a partir da famosa narração bíblica-cristã da primeira queda do homem, por isso a angústia é vista como “[...] pressuposição do pecado hereditário e como explicando de modo retroativo, na volta à sua origem, o pecado hereditário”²⁰.

A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo, que Iahweh Deus tinha feito. Ela disse à mulher: “Então Deus disse: Vós não podeis comer de todas as árvores dos jardins? A mulher respondeu à serpente: “Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Dele não comereis, nele não tocareis, sob a pena de morte.” A serpente disse então à mulher: “Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em dele comereis, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal”. A mulher viu que a árvore era boa ao

¹⁹ KIERKEGAARD, 2013, p. 25

²⁰ KIERKEGAARD, 2013, p. 27

apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu. Deu-o também a seu marido, que com ela estava, e ele comeu. Então abriram-se os olhos do dois e perceberam que estavam nus; entrelaçaram-se folhas de figueira e se cingiram.²¹ Gn 3, 1-7

Através da narração citada acima já é possível se deparar com um conceito muito importante da filosofia kierkegaardiana: a liberdade. Numa definição mais simples, pode-se dizer que a liberdade – presente em todo o ser – é a causadora da angústia. Deixando de lado aquela velha ideia de mito, chega-se à conclusão de que o casal, em sua plena liberdade, teve a opção de escolher. E foi justamente esta escolha, que os fizeram existir. São as escolhas que levam à existência. Por isso, a partir desta queda é que a angústia começa a fazer parte da vida do homem.

2.1.1. A inocência

O homem deixa de ser inocente através da culpa. Se assim foi com Adão, também – segundo Kierkegaard – será com todos. O vigia de Copenhague diz que a inocência é ignorância, que só se perde através do salto qualitativo do indivíduo. A inocência que leva o homem para a ignorância é tida como progressiva em sua vida, fazendo com que ele assuma – de diversas formas – um determinar quantitativo.

2.1.2. A queda

A proibição é a colaboradora da queda, fazendo com que a concupiscência seja despertada no homem. Entende-se por concupiscência uma inclinação; inclinação que leva o homem ao pecado. Em outros termos pode-se dizer que ela determina o homem a se tornar culpado e pecador mesmo antes de pecar, sempre sendo posta por ele.

2.2. A angústia objetiva e subjetiva

²¹ BÍBLIA, *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo – 2002.

Mais adiante, ao ser analisada na “progressão do pecado hereditário”²², a angústia passa a ser classificada como objetiva e subjetiva; objetivada nas nossas relações e subjetiva às nossas ações. A angústia subjetiva é aquela que se encontra presente na inocência do indivíduo enquanto a objetiva pode ser considerada um reflexo para todos. A respeito de ambas, o pseudônimo da obra comenta:

Ao usarmos a expressão “angústia objetiva”, poderíamos inicialmente ser levados a pensar naquela angústia da inocência que é a reflexão da liberdade em si mesma e em sua possibilidade. Por outro lado, querer objetar que não se percebe que nós agora nos encontramos num ponto diferente de nossa investigação não seria uma resposta suficiente. Ao contrário, poderia ser mais útil lembrar que a distinção angústia objetiva reside na diferenciação frente à angústia subjetiva, uma distinção que nem se poderia falar no tocante ao estado de inocência de Adão. No sentido mais estrito, a angústia subjetiva é a angústia posta no indivíduo, que é a consequência do seu pecado.²³

Neste contexto, a angústia de Adão pode ser denominada subjetiva e o pecado de todo o mundo objetiva.

2.3. A angústia como consequência do pecado

O tema principal é visto como uma consequência do pecado hereditário. O homem, considerado uma síntese de alma e corpo é constituído e sustentado pelo espírito. A angústia para aqueles que se encontram com falta de espírito é caracterizada como a “angústia da falta de espírito”²⁴. Alega-se que o falar daquele que é caracterizado sem espírito não possui nenhum tipo de compreensão, mas sim uma espécie de “falatório”. Ou seja, se escuta, mas não se compreende:

Quando observamos a vida, logo nos convencemos de que, esteja correto o que foi exposto, de que a angústia é o último estado psicológico do qual surge o pecado no salto qualitativo, todo paganismo e sua repetição dentro do cristianismo residem afinal de contas num mero determinar quantitativo, de onde não surge o salto qualitativo do pecado. Este estado não é, entretanto, o estado da inocência, mas sim, do ponto de vista do espírito, justamente o da pecaminosidade.²⁵

²² KIERKEGAARD, 2013, p. 57.

²³ KIERKEGAARD, 2013, p. 61.

²⁴ KIERKEGAARD, 2013, p. 99.

²⁵ KIERKEGAARD, 2013, p. 99.

A verdade não é vista como verdade, mas como uma espécie de boato. A angústia é dialeticamente determinada no sentido de destino. Destino esse que é o nada da angústia para os pagãos, podendo interferir na liberdade:

A angústia que há no judaísmo é a angústia diante da culpa. A culpa é uma potência que se alastra por toda parte e que, contudo, ninguém pode entender num sentido mais profundo, enquanto ela incuba, aninhada sobre a existência. O que deve explicá-la tem de ser da mesma natureza dela, tal como ao oráculo correspondia ao destino. Ao oráculo no paganismo equivale, no judaísmo, a oferta sacrificial. Mas é por isso que ninguém consegue compreender o sacrifício. Aí reside o trágico profundo no judaísmo, analogamente à relação com o oráculo do paganismo. O judeu se refugia no sacrifício, porém este não o socorre, pois o que poderia auxiliá-lo de fato seria que a relação da angústia com a culpa se anulasse, se se estabelecesse uma relação efetiva. Já que isso não ocorre, o sacrifício torna-se ambíguo, o que se expressa em sua repetição, cuja extrema consequência seria um puro ceticismo no sentido da reflexão sobre o ato do mesmo sacrifício.²⁶

2.4. A angústia diante do mal

A “angústia diante do mal”²⁷ consiste na negação do pecado que é colocado pelo homem dando-o possibilidade de pecar novamente. É preciso olhar para o pecado com fé, e não com arrependimento, pois a fé é responsável por encorajar o homem a crer que o próprio estado é um novo pecado:

A única coisa que em verdade consegue desarmar os sofismas do arrependimento é a fé, a coragem de crer que o próprio estado é um novo pecado, a coragem de renunciar sem angústia à angústia, o que só a fé consegue, sem que, contudo, com isso elimine a angústia, mas, ela mesma sempre eternamente jovem, se desvencilha do instante mortal da angústia. Disto só a fé é capaz, pois só na fé a síntese é possível, eternamente e a cada momento.²⁸

2.5. A angústia diante do bem

²⁶KIERKEGAARD, 2013, p. 109-110.

²⁷KIERKEGAARD, 2013, p. 119.

²⁸ KIERKEGAARD, 2013, p. 123.

Já a angústia diante do bem é vista como uma não liberdade; neste caso, podemos usar como exemplo a liberdade que se une à revolta do corpo (que é o órgão do espírito) e entra em confronto consigo mesma. Essa angústia é também chamada pelo autor de “demoníaco”:

O demoníaco é angústia diante do bem. Na inocência, a liberdade não estava posta como liberdade, sua possibilidade na individualidade era angústia. No demoníaco, a relação está invertida. A liberdade está posta como não liberdade; pois a liberdade está perdida. A possibilidade da liberdade é aqui de novo angústia. A diferença é absoluta, pois a possibilidade da liberdade apresenta-se aqui em relação com a não liberdade, a qual é diametralmente oposto à inocência, que é uma determinação rumo à liberdade.²⁹

O “demoníaco” não é aquela liberdade que se encerra em si mesma. Enquanto a Psicologia o classificará como um estado, a Ética, de forma contrária, o notará como algo que faz surgir um novo pecado, pois o bem é visto por ela como unidade de estado e movimento. Pelo fato da liberdade ter a possibilidade de ser perdida de várias maneiras, o “demoníaco” pode ser analisado de diferentes formas.

2.6. A angústia salva pela fé

Vigilius Haufniensis ensina que todos os homens precisam aprender a se angustiar da forma correta para alcançar o que há de mais elevado. Quanto maior é a angústia, maior pode ser considerado o humano que a vive, por isso que o anjos e os animais não são considerados existentes, pois – como já mencionado neste trabalho – a angústia é característica do homem. Ela só será vista na perspectiva positiva quando a fé começar a fazer parte dessa ideia:

A angústia é a possibilidade da liberdade, só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre as suas ilusões. E nenhum Grande Inquisidor dispõe de tão horripilantes tormentos como a angústia, e nenhum espião sabe investir sobre o suspeito com tanta astúcia, justo no momento em que está mais debilitado, ou sabe preparar armadilhas, em que este ficará preso, tão insidiosamente como a angústia, e nenhum júízo sagaz consegue examinar, sim, “ex-animar”

²⁹ KIERKEGAARD, 2013, p. 129.

[desalentar], o acusado como a angústia, que não o deixa escapar jamais, nem nas diversões, nem no barulho, nem no trabalho, nem de dia e nem de noite.³⁰

A possibilidade também é uma característica importante do ser “angustiante”. Aquele que é orientado pela angústia automaticamente recebe orientações da possibilidade de acordo com sua infinitude, por isso se conclui que a possibilidade é uma categoria “pesada”. Aquele que compreende essa possibilidade será capaz de dar uma “nova” explicação para a realidade; ou seja, será capaz de compreender a angústia na perspectiva positiva. Com base nestas afirmações, a possibilidade poderá ser analisada como formadora:

Somente assim a possibilidade pode formar; pois a finitude e as relações finitas dentro das quais um indivíduo tem seu lugar marcado, sejam elas pequenas e cotidianas ou tenham importância para a história universal, formam apenas de modo finito, e sempre se pode passar a conversa nelas, sempre fazer delas algo um pouco diferente, sempre barganhar, sempre fugir-lhes de algum modo, sempre manter uma certa distância delas, sempre impedir que se aprenda delas qualquer coisa num sentido absoluto, e se isso deve ser feito, então o indivíduo precisa ter em si outra vez a possibilidade, e ele mesmo formar aquela coisa com a qual há de aprender, ainda que esta no momento seguinte não reconheça que está formada por ele, senão que roube dele absolutamente todo poder.³¹

O homem – com toda a sua subjetividade – só conseguirá ser formado pela possibilidade se houver honestidade diante dela acompanhado de muita fé. Mesmo sendo um crítico de Hegel, Kierkegaard fez com que seu pseudônimo usasse uma de suas colocações acerca da fé, dizendo que ela é a “[...] certeza interior que antecipa a finitude”³². Bem administrada, a possibilidade é capaz de encontrar todas as finitudes idealizando-as em infinitude, fazendo com que o indivíduo adentre na angústia, vencendo-a através da antecipação da fé. Ao contrário, aquele que não opta pela fé, está sujeito à queda e às más companhias tendo como consequência “um desviar do caminho”. Nesse caso, a angústia é vista como um conceito negativo, deixando-o o homem perdido, sem perspectiva de futuro, sujeitando-o à um certo “desespero”.

³⁰ KIERKEGAARD, 2013, p. 161-162.

³¹ KIERKEGAARD, 2013, p. 163.

³² KIERKEGAARD, 2013, p. 163.

2.7. Uma síntese do “Conceito de Angústia”

É notável, que o tema abordado por Soren é de difícil compreensão. No geral, todas as suas abordagens partem desse pressuposto. Muitos comentadores existencialistas dirão que a leitura das obras kierkegaardianas são sérias e complicadas, sobretudo quando diz respeito à angústia. Para se chegar na conclusão de que ela é uma característica essencial do ser e que, quando vista na perspectiva positiva, muitos outros termos e conceitos adentram nesse muito “angustiante” como já foi citado neste trabalho. A obra que fora publicada no dia 17 de junho do ano de 1844 diz muito à respeito da vida interior de seu autor, sempre marcada pela ansiedade. Esta obra não deve ser vista como uma autobiografia, mas como uma obra didática, fazendo com que muitos leitores notassem uma espécie de zombaria para com Hegel, tendo em vista que nesta época o método hegeliano tinha uma grande influência fazendo com que Kierkegaard se tornasse o seu grande crítico justamente pelo fato deste método ir contra a sua filosofia subjetivista. Os conceitos chaves dessa obra psicológica, filosófica, literária e até mesmo – em partes – cristã se voltam sobretudo para a questão da liberdade, por isso foi afirmado que todo homem é livre e, é justamente essa liberdade que o torna “angustiante”. Além da liberdade, essa angústia é explicada através do pecado original e da culpa hereditária deste pecado, afetando todos os homens. A palavra “angústia” sempre foi considerada como uma palavra cheia de significados, como já se notara com os pensadores do ocidente. Enquanto os ingleses a viam como algo relacionado com o “pavor”, outros comentadores de Kierkegaard preferiram denomina-la como “ansiedade”, por isso que muitos estudiosos existencialistas usaram deste conceito para tratar de assuntos relacionados à morte e seu medo bem como daquilo que respeito às decisões do ser humano. Por isso que, quase sempre, até hoje, a angústia é vista de forma negativa. Querendo dar uma nova ideia para este conceito, Kierkegaard faz com que seu pseudônimo, conhecido como o “vigia de Copenhague”, ou simplesmente Haufniensis, o colocasse como um conceito também positivo. Vista como aquela que ilumina o homem, a angústia é a responsável por dar a ele a possibilidade de ser livre, por isso Soren sempre dirá que somente o homem é capaz de sentir anseios quando o assunto ou as ideias envolvem o futuro, pois como é ensinado

em sua filosofia, somente o homem é capaz de escolher aquilo que é bom para a sua vida. Quanto maior é sua ansiedade, maior é o homem. Ser angustiante não é ter medo da realidade. Ser angustiante é simplesmente se deparar com as possibilidades indefinidas da vida. Uma outra palavra essencial para o desenvolvimento deste conceito é o desconforto. O homem se sente desconfortável diante de Deus por querer se tornar uma pessoa fidedigna, autêntica. A possibilidade de viver na angústia pode ser vista como atraente, tendo em vista que o ser terá a chance de descobrir o seu “novo eu”. Mas também repulsiva, porque esse contato com Deus exige de todo homem o desligamento total do antigo eu. De que maneira o homem se afasta da possibilidade de relação com esse Deus? Através do pecado! Por isso o pecado é primeiro assunto ser tratado na obra “O conceito de angústia”. O medo não pode ser considerado um sinônimo de angústia, mas algo que parte dela. Já o pecado diz respeito à aptidão para esse medo de querer se afastar do Eterno. Por isso se fala do Pecado Original, pois pela primeira vez, em Adão, aconteceu esse ato de vontade, tendo como consequência uma extensão que chega a todos aqueles que não querem ser íntimos de Deus fazendo com que o seu “eu” fique agarrado em si mesmo vítima do medo. Quando se fala que o pecado assiste a angústia, isso não significa dizer que ele causa a angústia. Sua verdadeira causa é a liberdade espiritual, presente em Jesus Cristo, Aquele que, angustiado no Getsêmani revelou para todos a sua grande e livre espiritualidade: responsável e autêntica, marcada pela fé. Em “As obras do amor”³³, Kierkegaard diz que essa fé é como a luz do sol que clareia os caminhos do homem, se tornando indispensável para o seu desenvolvimento, sobretudo espiritual:

[...] tal como a fé, acenando, se oferece ao homem como companheira de viagem no caminho da vida, mas petrifica o atrevido que se volta para compreender abusadamente; assim também é o desejo e o pedido do amor que a sua origem escondida e a sua vida oculta no mais íntimo permaneçam um segredo, que ninguém curiosa e abusadamente queira invadir

³³ O livro *As obras do amor* foi escrito, em parte, como uma resposta aos contemporâneos que o acusaram de não ter nenhum sentimento pela vida social dos outros. O tamanho de *As obras do amor* é substancial. Seu assunto é o duplo mandamento de Jesus sobre o amor. Seus principais temas incluem um comentário sobre a cultura luterana em torno das “obras” e da “graça”, um exame em busca do “amor” e uma exploração do principal alvo humano do amor cristão – a saber, “o próximo”. (BACKHOUSE, Stephen. *Kierkegaard: uma vida extraordinária*. Rio de Janeiro, Thomas Nelson, 2019, p. 234-235).

importunando para ver o que afinal não pode ver, mas que com sua indiscrição bem pode pôr a perder da alegria e da benção.³⁴

³⁴ KIERKEGAARD, 2013, p. 23

CAPÍTULO III: O DESESPERO HUMANO

3. Da angústia ao desespero

Toda a angústia tratada na obra “O conceito de angústia” tem como consequência o desespero. O homem não é capaz de escolher o que é bom para o outro. Percebe-se então uma existência solitária que aumenta sua consciência e seu senso de responsabilidade. Não se pode culpar ninguém pelo próprio ato. Em julho de 1849, sem imaginar que sua morte já estava próxima, Soren Kierkegaard foi responsável pela edição da obra “O desespero humano”. Neste escrito, o tema abordado é visto como algo negativo, ou melhor dizendo, como algo preocupante que leva o homem à “morte”. Não somente à morte física segundo os ensinamentos da biologia, mas à morte do homem “enquanto si”. Em outras palavras pode-se dizer que esta doença faz com que o ser tente fazer morrer o si enquanto existente, deixando-o isolado da “existência”. Para não perder o costume, esta obra também foi assinada por um pseudônimo – desta vez, o Anti-Climacus³⁵ -- e dividida em duas partes que levam o leitor a compreender o porquê que o desespero é considerado uma doença que leva o homem à “morte” e a sua relação com o pecado.

3.1. Uma doença que afeta o espírito, o eu

Para Kierkegaard o homem é espírito, e esse espírito é o “eu” marcado por uma relação extremamente subjetiva. Sendo assim, aquele que vive de forma desesperada, sem dúvida, tem o espírito afetado, fazendo com que o “eu” sofra as consequências. Quando a filosofia kierkegaardiana afirma que alguém está desesperado, ela refere-se sobretudo àquele que está em constante conflito com o seu “eu”, e não especificamente com os acidentes e substâncias, com aquilo que é

³⁵ [...] Anti-Climacus, para levar adiante tal intenção pedagógica no sentido filosófico e religioso, proclama-se “cristão extraordinário”: de um lado, porque não se considera um modelo no pôr-em-ato a “verdade” proposta pela hipótese elaborada por Climacus, e de outro lado para poder conduzir um tremendo requisitório em relação àqueles que, apesar do evento cristão, ou melhor, de fato desprezando sua ajuda, ainda não compreenderam que todo homem é capaz de cumprir autênticos “atos de amor”. (REGINA, Umberto. Kierkegaard. São Paulo, Ideias & Letras, 2016, p. 198.)

matéria. Ao falar de “desespero” nesta perspectiva, não se pode esquecer de sua extrema relação com o espírito:

O homem é espírito. Mas o que é espírito? É o eu. E, o eu? O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheia em si, mas consigo própria. Mas é melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste em orientar-se dessa relação para a própria interioridade, o eu não é a relação *em si*, mas sim o seu *voltar-se* sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida.³⁶

O homem precisa ser “transparente” e “equilibrado”. Isso só será possível se ele for capaz de se tornar um “si mesmo”. Segundo o filósofo, toda relação que advém do homem só é possível graças a essa compreensão do “si”, do “eu”. Numa definição mais corriqueira, pode-se afirmar que, aquele que se conhece tem a possibilidade de conhecer a Deus e, conhecendo Deus, compreender o próximo, atingindo um elevado potencial. Aqui, mais uma vez é possível notar a sua exímia relação com a subjetividade e não com o “sistema”. Aquele que opta por viver segundo as orientações “dos outros” e/ou do “sistema” fica “desesperado”, pois Kierkegaard é objetivo ao dizer que aquele que tenta se relacionar “consigo mesmo” segundo as orientações dos outros vive de forma desequilibrada sendo levado ao “desespero”.

3.2. Por que o desespero é uma “doença mortal”?

Ao responder essa questão o pseudônimo da obra procura deixar bem claro que essa morte não deve ser interpretada como natural (aos olhos da ciência) e também não deve ser interpretada como espiritual, pois para o cristão a morte não deve ser vista como um desespero, mas como um acontecimento que dá ao homem a virtude da esperança, a certeza da passagem para a vida (eterna), por isso que muitos irão chamar o “desespero humano” de Kierkegaard de doença por antonomásia, que é a doença até a morte. O homem fica “desesperado” porque ele não consegue dar um fim para a sua existência. Filosoficamente falando, ele existe procurando viver uma inexistência, de modo “não transparente”. Para deixar mais clara essa relação da morte com o desespero, sobretudo querendo diferenciá-la da morte cristã, Anti-

³⁶ KIERKEGAARD, 2010, p.25.

Climacus usa de uma passagem bíblica muito conhecida pelos adeptos do cristianismo: a morte e ressurreição de Lázaro:

Desde o instante em que Cristo se aproxima da tumba e exclama: “Lázaro, levanta-te e caminha!”, já estamos certos de que essa doença não é mortal. Mas até sem essas palavras, não mostra ele, ele que é “a Ressurreição e Vida” só pelo aproximar-se do túmulo, que essa doença não é mortal? E o simples fato da existência de Cristo, não é isso evidente? Que proveito haveria, para Lázaro, em ter ressuscitado ter de acabar por morrer! Que proveito, sem a existência daquele que é a Ressurreição e a Vida para qualquer homem que n’Ele creia! Não, não é por causa da ressurreição de Lázaro que essa doença não é mortal, mas por Ele existir, por Ele. Visto que na linguagem humana a morte é o fim de tudo, e, como é costume dizer-se, enquanto há vida há esperança. Mas, para o cristão, a morte de modo algum é o fim de tudo, e nem sequer o simples episódio perdido na realidade única que é a vida eterna; e ela implica para nós infinitamente mais esperança do que a vida comporta, mesmo transbordante de saúde e de força.³⁷

³⁷ KIERKEGAARD, 2012, p. 19-20.

3.3. As três etapas do desespero humano

Segundo Kierkegaard depois de uma compreensão geral do desespero humano, pode-se dividi-lo em três estágios ou etapas.

3.3.1. Primeira: O desespero da inconsciência de ter um “eu”

Esse tipo de desespero é o “mais leve”. É o desespero de quem vive na ignorância, de quem vive no automático, daquele que está voltado para a sensorialidade, para os prazeres da vida mundana. Quem vive esse desespero não se preocupa e nem sabe que existe ou que possui um “eu”. Aqui pode-se dizer que o indivíduo desesperado é moldado pelo mundo.

3.3.2. Segunda: O desespero da consciência e negação do “eu”

Esta etapa é também chamada de “desespero-fraqueza” pelo fato da pessoa se desesperar por querer ser um “eu” de sua própria criação e não conseguir. Um exemplo disso está naquela pessoa que não foi aprovada naquele curso ou naquele emprego tão desejado; ela criou uma expectativa e/ou desejo mas acabou não alcançando, resultando – muitas vezes – numa certa frustração que, na linguagem de Kierkegaard podemos chamar de desespero. Pode-se dizer que o indivíduo idealiza um outro “eu”, não aceitando o seu próprio. Aquele que pensa assim, vive o “eu” de forma obrigada.

3.3.3. Terceira: O desespero da consciência e a aceitação do “eu”

Nota-se aqui um desespero “intenso”, um desespero mais significativo, visto como um desafio. Aqui o desesperado vive uma relação tensa com o seu próprio “eu”,

querendo corresponder a ele. O indivíduo tem consciência da eternidade na temporalidade; aquilo que é um pré-requisito para o “salto de fé”.

3.4. Desespero e pecado

É importante lembrar que o dinamarquês Soren Kierkegaard nunca usou da sua filosofia para ensinar teologia ou para fazer com que todos seguissem a sua crença. Pelo contrário, por ser um cristão protestante e assíduo, usava dos principais conceitos do cristianismo para explicar sua filosofia existencial e subjetiva. Ao falar do desespero humano, como já foi visto, ele fez questão de usar a passagem bíblica da ressurreição de Lázaro para explicar a “morte”. Além disso, usou mais conceitos de sua fé para explanar a ideia do desespero humano. O pecado – já comentado em outras obras – também é analisado nesta, tendo uma ligação com o desespero. Sobre ele, assim foi afirmado:

Pecamos quando, perante Deus ou com a ideia de Deus, desesperados, não queremos ou queremos ser nós próprios. O pecado é deste modo fraqueza ou desafio levados à suprema potência; é, portanto, condensação do desespero. O acento recai aqui sobre estar perante Deus ou ter a ideia de Deus; o que faz do pecado aquilo que os juristas chamam “desespero qualificado”; a sua natureza dialética, ética, religiosa, é a ideia de Deus.³⁸

Percebe-se nesta segunda parte da obra, onde o conceito de pecado é abordado, que o desesperado sem preocupa mais em participar de um encontro com Deus do que separar-se do “si mesmo”. Por isso que, nesta altura do livro, o pecado já é considerado um desespero, que obteve o seu advento graças à existência do cristianismo. O “eu humano” ganha mais uma compreensão: o “teológico”:

Mas esse mesmo eu, perante Deus, toma por essa razão uma nova qualidade ou qualificação. Já não é apenas o eu humano, mas aquilo que na esperança de não ser mal compreendido, designarei como eu teológico, o eu em face de Deus.³⁹

³⁸ KIERKEGAARD, 2010, p. 101.

³⁹ KIERKEGAARD, 2010, p. 104.

O “eu humano” passa a crer numa realidade infinita, fruto da consciência de estar perante Deus. Anti-Climacus dá um exemplo, onde se pode compreender como o eu humano é à medida de Deus:

Um vaqueiro que não fosse mais do que um eu em face das suas vacas, não seria senão um eu bem inferior; assim também um soberano eu, perante os seus escravos não é senão um eu inferior, no fundo nem sequer é um eu – porque nos dois casos falta a escala. A criança, que por medida ainda não teve senão os pais, será um eu quando, homem, tiver para medida o estado; mas que acento infinito Deus dá ao homem tornando-se a sua medida! A medida do eu é sempre o que este tem diante de si, e assim se define o que seja “a medida”.⁴⁰

3.4.1. O supremo grau de desespero

Esse grau – preocupante - é alcançado quando o indivíduo peca contra o Espírito Santo. Eis a grande elevação do “eu”. O cristianismo é visto como uma mentira, como algo de aspecto literário. É importante lembrar que Kierkegaard não irá fazer nenhum questionamento àqueles que não são cristãos, mas como foi visto, a preocupação é para aquele que difama o cristianismo, pois nessa situação fica clara a guerra entre o homem e Deus:

A elevação de potência do pecado revela-se quando o interpretamos como uma guerra entre o homem e Deus, na qual o homem muda de tática; o seu aumento de potência, consiste em passar da defensiva à ofensiva. O pecado começa por ser desespero, e o desesperado luta esquivando-se.⁴¹

O autor reforça que Deus e o homem são duas naturezas separadas. E que essa separação é marcada por uma infinita diferença de natureza. Todo aquele que o rejeita é tido pelo homem como louco e por Deus como um blasfemador. Pode-se concluir que a pessoa desesperada tem o desejo de morrer para com os relacionamentos, significando querer morrer diante de Deus, querendo pecar:

⁴⁰ KIERKEGAARD, 2010, p. 104.

⁴¹ KIERKEGAARD, 2010, p. 158.

O pecado é: perante Deus, ou com representação de Deus, desesperadamente não querer ser si mesmo, ou desesperadamente ser si mesmo.⁴²

⁴² REGINA, 2016, p. 198.

3.5. De que maneira a fé ajuda o indivíduo a superar o desespero?

A fé é a única forma de combater o pecado. Ensina o livro bíblico de Romanos que o oposto do pecado é a fé. Em outras palavras, afirma-se que a absoluta transparência do eu só poderá ser adquirida com a fé:

Mas demasiada vezes se esquece que o contrário do pecado de modo algum é a virtude. Esse é antes um ponto de vista pagão, que se contenta com uma medida puramente humana, ignorando o que é o pecado e de ele está sempre perante Deus. Não, o contrário do pecado é a fé, como diz a Epístola aos Romanos: Tudo o que não provém da fé é pecado”. E uma das definições capitais do cristianismo é que o contrário do pecado não é a virtude, mas sim a fé.⁴³

Quanto maior for o contato com Deus, maior será o “eu”. O verdadeiro cristão não pode ser tomado por atitudes “passivas”. Aquele que vive no pecado é capaz de reduzir esse verdadeiro cristianismo. Essa atitude de redução pode ser fruto de um racionalismo, onde o ser vê o Cristo como um homem, até dotado de muitas coisas boas, mas nada que ultrapasse as características de um homem. O ser também está sujeito ao docetismo, onde o Cristo pode ser interpretado como fruto de uma imaginação, como algo que provém da poesia.

É somente crendo no Cristo que o existente saberá o que é o desespero, e que essa doença o levará até a morte. E mais: que o relacionamento do “eu”, além de ser consigo mesmo, deve ultrapassar as barreiras e alcançar o próximo. O homem que não se relaciona não é capaz de compreender o pecado e muito menos capaz de compreender o sentido do perdão. Esse homem é domado pelo orgulho, não sendo capaz de se perdoar e, muito menos de perdoar. Essa condição de “fechamento” o deixa cego, fazendo com que ele não reconheça a sua identidade. Kierkegaard através de seu pseudônimo encerra a obra “O desespero humano” constatando que a fé é salvadora.

⁴³ KIERKEGAARD, 2010, p. 108.

3.6. Uma síntese sobre “O desespero humano”

Quando a filosofia kierkegaardiana afirma que o desespero humano é uma doença que leva o homem à morte, todos os leitores precisam saber que essa doença não diz respeito àquilo que é físico e até mesmo a algo de caráter psicológico. Ou seja, uma pessoa que está triste, que se diz melancólica e sofre com algum desequilíbrio emocional não pode ser considerada desesperada – segundo Kierkegaard. Uma coisa não justifica a outra. O não-deprimido pode estar desesperado, como o não-desesperado pode estar deprimido. Numa linguagem mais atual, aquele que sofre com o desespero kierkegaardiano não consegue encontrar um sentido para a vida; é aquele que está “perdido”, é aquele que não encontrou ou que não reconhece o seu “eu”, o “eu” que dá autenticidade, o ego. A descoberta deste “eu” é marcada pela “relação”. O “eu” que relaciona-se consigo mesmo. Um estudioso contemporâneo de Kierkegaard chamado Stephen Backhouse resume essas colocações com a seguinte afirmação:

O desespero é um fenômeno particularmente relacionado à ação do ego em relação a si mesmo, mas de tal modo que é uma relação errônea; daí uma “doença”. O desespero (muito parecido com a ansiedade do livro anterior, *O conceito de angústia*, do qual está é companheira) presume e requer um eu, representando assim certa humanização e superioridade da existência.⁴⁴

Nenhum animal é capaz de se desesperar, pois o desespero é próprio do ser humano, embora não seja útil para a humanidade. Essa doença – típica do cristão – tem uma cura. Sendo assim, o que o indivíduo deve fazer para ser agraciado com esta cura? A resposta é simples para aqueles que vivem verdadeiramente o cristianismo: a proximidade com o Criador. Toda a existência deve-se a Ele. Ele é o caminho para se viver e compreender a existência autêntica. Somente com Deus vive-se sem o desespero e, somente com Ele, que se compreende e chega-se a esse mesmo desespero. Por isso o desespero é próprio do cristão.

Muitos são aqueles que discordam de Deus, e que até mesmo se revoltam com ele resultando em grandes atos de ofensas. Esses não são capazes de desfrutar da

⁴⁴ BACKHOUSE, 2019, p. 242.

autenticidade do “eu”. Aquele que não consegue relacionar-se com o próximo ou que usa do próximo para fugir de suas relações pessoais também não são autênticos, pois pecam e ficam desesperados. Surge então a “possibilidade de ofensa”, ofensa destinada ao cristianismo pelo simples fato desse seguimento ter como objetivo aquilo que vem de Deus, e não do homem. Eis um breviário desta obra tão complexa e rica:

O desespero humano é uma obra em que se prospecta a vitória sobre o desespero como possibilidade para qualquer homem que queira atingir a “transparência” sobre o próprio eu, uma perspectiva que se torna um caminho efetivo apenas se o existente se propõe a “tornar-se cristão”, não por si, mas com a ajuda de Cristo.⁴⁵

⁴⁵ REGINA, 2016, p. 153.

3.7. O desespero vivido no tempo pandêmico da Covid-19

Muitos são aqueles que afirmam que o “amor pela sabedoria” é algo que faz com que o ser humano se torne uma pessoa melhor, e que toda a filosofia aprendida sempre o ajudará a trilhar com mais facilidade os caminhos da vida. Seguindo um dos ensinamentos do grande e antigo Platão, o estudo filosófico é aquele que proporciona ao homem a possibilidade de alcançar novas coisas, de alcançar a inteligência. Platonicamente e dialeticamente falando, o homem que desfruta disso tudo deixou as aparências das sombras e encontrou a luz; saiu do sensível e gloriou-se com o inteligível. Como a filosofia é atual! Como os seus conceitos criados e elaborados há tanto tempo – quase sempre – nos ajudam a compreender muitas coisas nos dias de hoje!

A atualidade sempre será marcada por acontecimentos. Aliás, tudo é marcado por acontecimentos. Se há acontecimentos na atualidade é porque se teve um passado e se há futuro é porque se vive a atualidade (mesmo com tantas contrariedades). Olhar para o século XXI, de forma mais específica para o ano de dois mil e vinte e um, é sem dúvida, olhar para aquilo que marcou esse período; é olhar para aquilo que não só marcou um determinado grupo de pessoas, mas toda uma nação – a nível mundial: a pandemia.

3.7.1. O que é uma pandemia?

De acordo com a diretora do Laboratório de Virologia do Instituto Butantan Viviane Fongaro Botosso, uma pandemia sempre será caracterizada por uma enfermidade que atinge uma grande proporção de pessoas, chegando a todos os continentes do planeta. A pandemia é, portanto, a disseminação de um determinado agente que iniciou-se num determinado lugar atingindo muitos outros. Em outras palavras, pode-se dizer que o seu início é sempre marcado por um surto, passando por uma epidemia, chegando no seu nível mais extremo que é a pandemia (sempre declarada pela Organização Mundial da Saúde, a OMS). Assim aconteceu com a famosa “Gripe Espanhola”. E assim está acontecendo com a “Covid-19” ou com o “corona-vírus” –

como muitos popularmente, a denominam. Tudo começou no território chinês no fim do ano de dois mil e dezenove quando os primeiros relatos de casos do vírus de SARS-CoV-2 surgiram. E que em poucos meses atingiu uma escala global, deixando muitas pessoas angustiadas e desesperadas.

3.7.2. Uma pequena relação da angústia e do desespero de Kierkegaard com o sofrimento das pessoas neste tempo de pandemia.

Vale lembrar mais uma vez que a ansiedade da obra “o conceito de angústia” sempre será a companheira do desespero humano. E que esse desespero não pode ser analisado como psicológico ou patológico. Não é um trauma. O desespero apresentado por Kierkegaard diz respeito aos conflitos existenciais do indivíduo, presentes em todo o período de sua vida, como já foi mencionado. Com a tentativa de resolvê-los e com o desejo de querer se desvincular deles, o homem se torna desesperado. As inquietações da natureza humana levam a esse desespero. O desespero humano é ter consciência da existência; é ter consciência de que vai morrer. É pensar numa tentativa de se livrar disso tudo. É ter a vontade de viver para toda a eternidade, porém com a sensação de que quanto mais viver, maior será o castigo e as dificuldades. Eis a grande condenação: ser fugitivo de si mesmo. Esse é o desespero. Diante de um cenário marcado por muito sofrimento e mortes que a pandemia causou, assim podemos classificar as muitas pessoas que sofreram, que sofrem e que ainda irão sofrer com tudo isso: angustiadas e desesperadas. Mesmo cientes da perspectiva positiva da angústia, deixam-se tomar pela ansiedade ficando desesperadas querendo se livrar duma situação vista – muitas vezes – como sem controle. Que nunca falte a tão falada fé na vida, no interior e no “si” dessas pessoas.

CONCLUSÃO

Com este trabalho, pode-se concluir que Soren Aabye Kierkegaard valorizava muito a importância dos estudos voltados para a existência, o indivíduo e sua realidade singular. A liberdade de escolha é algo essencial. Graças a ela se é possível buscar os propósitos desta vida. Não é o contexto histórico o responsável pelas escolhas humanas, mas a vontade, que é algo totalmente subjetivo. O ser humano é angustiante justamente porque a liberdade faz parte da sua vida; e isso pode ser visto numa perspectiva positiva, pois a liberdade é uma característica importante para o desenvolvimento do homem, por isso, ser angustiante é – de certa forma – ser livre. Porém, aquele que não compreende essa colocação pode chegar ao desespero, como fruto de uma existência solitária que aumenta a consciência e o senso de responsabilidade. O desespero vivido é algo preocupante, é uma doença que “leva à morte”. O desesperado deseja morrer para com os relacionamentos e para Deus, resultando num desejo ardente de pecar.

Neste período pandêmico, muitas pessoas deixaram-se tomar pela ansiedade ficando desesperadas e querendo se livrar desta situação, sempre acompanhadas da sensação de que quanto mais viver, maior será o castigo e as dificuldades. O que dizer desta pandemia? Ninguém conseguiu escapar! Todos os dias a mídia atualizava o quadro da doença. Foi desesperador! Os números sempre aumentavam! Em alguns momentos, de forma muito rápida! Todos sofreram! Muitos ainda sofrem! Muitas pessoas foram infectadas. Muitas pessoas choraram diariamente vítimas dos inúmeros efeitos corporais causados pelo vírus da Covid-19. Muitas pessoas precisaram se isolar da sociedade em busca de uma proteção para si e para o próximo, fazendo com que o contato social fosse praticamente extinto. Muitas pessoas – que foram vítimas dos efeitos corporais – não aguentaram tanta dor e perderam a vida. Muitas pessoas até hoje vivem com alguma sequela corporal e até mesmo psicológica adquiridas nesta pandemia. Quantas foram as pessoas tomadas pelo sentimento de saudade ao perderem – de forma tão desumana – alguém querido; um sentimento que acompanha o ser durante toda a sua existência aqui nesta terra. Diante de um cenário deste, muitos exclamaram: “Que tristeza! Que sofrimento!” Será que diante de tanta tristeza é possível aprender alguma coisa boa? Como um bom cristão que acredita sempre nos planos e na misericórdia de Deus, digo que é possível

aprender muita coisa com o sofrimento. Sempre preguei para o povo de Deus que depois da dor vem a alegria; que depois da escuridão vem a luz; que depois das incertezas advém a certeza; que a nossa vida sempre deve ser marcada pela Esperança, que é Jesus Cristo! Depois da cruz vem a ressurreição!

O que eu aprendi com tudo isso? Que neste mundo ainda existe muita gente com um bom coração e que todas as riquezas desta terra aqui permanecerão. Que lindo foi poder ver as pessoas que, mesmo expostas aos perigos do vírus, se dispuseram a ajudar o próximo, arriscando a própria vida: médicos, enfermeiros, atendentes, motoristas, garis, coletores de lixo etc. O noticiário brasileiro também fez questão de mostrar para todos a disponibilidade das igrejas com seus líderes religiosos para com o povo sofredor. Tive a oportunidade de ver sacerdotes indo ao encontro dos doentes, indo levar uma palavra de consolo às famílias enlutadas e, muitas instituições religiosas, mesmo passando por grandes crises financeiras levando o pão para aqueles que estavam com fome. Aprendi que tudo o que é material, aqui permanecerá. Quantas pessoas que tinham tanto partiram inesperadamente deixando tudo aqui. Mais uma prova de que o dinheiro não compra tudo.

É preciso ter confiança em Deus! É preciso viver com Esperança! É preciso ter fé! Soren Kierkegaard com sua filosofia existencialista sempre ensinou que a fé é o “remédio” para todas as nossas dificuldades, inclusive para a angústia e o desespero. Diante desta pandemia, que vivemos e ainda – mesmo que de modo mais “tranquilo” – estamos vivendo, não devemos perder a fé! Desde o advento deste tempo pandêmico estive com o povo exercendo o meu estágio pastoral. Todos, sem exceção, se disseram estar “em pé” graças a fé; até mesmo aqueles que perderam muitos familiares. Já nos ensinava o filósofo existencialista que a fé é responsável por dar força ao homem. Sendo assim, o homem que não desfruta da fé não consegue voltar o seu olhar para frente; ou seja, é aquele homem sem “perspectiva” de futuro. Viver sem fé é viver como um animal: seguindo apenas os instintos e buscando a sobrevivência. Aquele que luta pelo futuro é um vencedor, pois a vitória é característica da fé. A solução para toda a problematização levantada é justamente essa fé. Eis a única forma de combater o pecado. Por isso todo o homem não pode viver de forma “estética”, e muito menos se contentar com uma vida “ética”. É preciso alcançar o maior grau da maturidade. É preciso viver de forma “religiosa”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Primária

KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativo direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário/ Soren Aabye Kierkegaard; tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

KIERKEGAARD, Soren, 1813-1855. **O desespero humano**; tradução de Adolfo Casais Monteiro. – São Paulo: Editora Unesp, 2010.

Secundária

REGINA, Umberto. **Kierkegaard**; tradução de Alessandra Siedschlag. – São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

BACKHOUSE, Stephen. **Kierkegaard: uma vida extraordinária**; tradução de Nírio de Jesus Moraes. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

GARDINER, Patrick. **Kierkegaard**. São Paulo, Edições Loyola, 2001

Terciária

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo, 2002.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ENTENDA O QUE É UMA PANDEMIA E AS DIFERENÇAS ENTRE SURTO, EPIDEMIA E ENDEMIA. **Butantan**, 2021. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/>>. Acesso em: 05/07/2021.

